

# REAÇÕES POPULARES AO RECRUTAMENTO MILITAR DURANTE AS GRANDES GUERRAS DOS ANOS 1860 NOS ESTADOS UNIDOS E NO BRASIL

POPULAR REACTIONS TO MILITARY RECRUITMENT DURING THE 1860S GREAT WARS IN THE UNITED STATES AND BRAZIL

Vitor Izecksohn<sup>1</sup>

*Palabras clave*

Guerra da Tríplice Aliança,  
Guerra Civil Americana,  
Recrutamento militar,  
Expansão do Estado,  
Conflitos

*Recibido*

19-2-2019

*Aceptado*

30-8-2019

*Key words*

War of the Triple Alliance,  
U.S. Civil War,  
Military recruitment,  
State building,  
Conflicts

*Received*

19-2-2019

*Accepted*

30-8-2019

*Resumen*

Este trabalho analisa as reações populares à expansão do recrutamento militar no Brasil, durante a Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870) e na União norte-americana, durante a Guerra Civil (1861-1865). A hipótese é de que a luta pelo recrutamento militar e a consequente expansão dos governos centrais em cada uma das sociedades nos períodos anteriores ao início de cada um dos conflitos interferiu nas prerrogativas locais e voluntárias que prevaleceram em cada uma das sociedades nos períodos pré-guerra.

*Abstract*

This work analyzes popular reaction to the expansion of military recruitment in Brazil, during the Triple Alliance War against Paraguay (1864-1870), and in the American Union, during the U.S. Civil War (1861-1865). The hypothesis is that the struggle for military recruitment and consequent expansion of the central government in each of these countries interfered in local and voluntary procedures prevailing in each pre-war society.

## INTRODUÇÃO

Os anos da década de 1860 foram tempos difíceis para os Estados Unidos e para o Brasil. Durante esse período, ambas as nações estiveram envolvidas em guerras longas e penosas, que desafiaram sua unidade nacional e sua coesão política interna. Nos Estados Unidos, a crise da secessão, presente desde a fundação da nação atingiu

1 Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. C.e.: vizecksohn@gmail.com.

o seu limite após a eleição presidencial de 1860. A vitória do candidato Republicano, Abraham Lincoln, inflamou antigos temores das elites do Sul. Essas lideranças eram partidárias de uma visão radical dos direitos dos estados e da expansão da escravidão para o Oeste. Temiam, portanto, os efeitos da interferência federal sobre os assuntos locais, uma vez que os novos líderes da república eram menos propensos a compromissos com a escravidão. Essas preocupações não eram novas na história dos Estados Unidos, mas a eleição do primeiro presidente Republicano, e sua associação à mensagem “free-soil”, limitando a expansão da escravidão nos territórios do Oeste, logo levou à secessão de vários estados, à formação de um novo país e finalmente a uma devastadora guerra civil que custaria mais de 600.000 vidas.<sup>2</sup>

Alguns anos depois, no Cone Sul do hemisfério, a interferência brasileira na intermitente guerra civil Uruguia transformou o que até então tinha sido uma crise institucional permanente em um feroz conflito entre estados que veio a envolver quatro países, afetando os arranjos de poder de uma maneira que nenhum dos conflitos anteriores da América do Sul o fez. A subsequente invasão Paraguaia das províncias do Oeste e do Sul do Brasil e ataques adicionais no noroeste da Argentina iniciaram uma guerra que a maioria dos brasileiros e argentinos acreditava que seria curta e fácil de vencer. Os desdobramentos posteriores mostrariam a ingenuidade dessas projeções iniciais. Em meio à luta, velhos conjuntos de províncias semi-independentes se transformaram em Estados nacionais semi-centralizados; populações inteiras foram removidas arbitrariamente de suas cidades; e a fome e doenças dizimaram o povo paraguaio, afetando a demografia bem como alterando os padrões existentes de organização regional e distribuição de poder no Cone Sul.<sup>3</sup>

A proposta deste artigo visa à comparação entre o recrutamento militar e a resistência popular a ele subsequente durante as guerras Civil Americana e da Tríplice Aliança. Analisarei as situações do Império do Brasil e da União norte-americana. Ambos os conflitos foram travados durante a década de 1860. Ambos envolveram questões relacionadas aos processos de consolidação dos estados nacionais nos territórios atingidos. Ambos envolveram uma ampliação repentina das forças armadas, particularmente dos exércitos, em proporções até então desconhecidas. Sem entrar em detalhes a respeito dos antecedentes do funcionamento dos aparatos militares, parece ser consensual a ideia de que grandes organizações militares, dotadas de poder e influência, não eram prioritárias para as elites dos dois países. Elas acabaram se constituindo em função dos problemas trazidos por cada uma das guerras, particularmente a necessidade de ampliação dos exércitos profissionais nacionais. Essas ampliações, nos dois casos, criaram dificuldades constitucionais cujo enredo abordarei neste artigo.

A Guerra Civil Americana e a Guerra da Tríplice Aliança emergiram a partir de disputas de longa data muito diferentes. A Guerra Civil Americana foi o ápice de tensões

2 Karp (2016), pp. 173-258.

3 Trabalhos recentes incluem, entre outros, Doratioto 2002, Capdevila 2010, Izecksohn 2014, Garavaglia e Fradkin 2016 e Baratta 2019.

políticas internas e regionais provocadas por diferentes visões da organização social, da distribuição do poder político e da força das hierarquias raciais. Ela foi a resposta a muitas inconsistências e ineficiências dos documentos que fundaram o governo americano (embora não o racismo ou a desigualdade), que haviam sido agravadas pela expansão territorial durante a primeira metade do século dezenove. Durante a Guerra o Congresso impôs tarifas, decisões econômicas centralizadas, colocou moeda em circulação e expandiu o acesso às terras do Oeste, uma agenda apoiada pelo Norte desde a década de 1820. Assim, a Guerra Civil Americana teve início em resposta a muitos problemas práticos que contribuíram para sua ocorrência.

A Guerra da Tríplice Aliança foi um conflito internacional ligado ao processo de formação de estados na região do Rio da Prata. Ela reuniu o Império Brasileiro, a Confederação Argentina e a República Oriental do Uruguai em oposição à República Paraguai. A maioria das ações ocorreu fora do território brasileiro, longe dos grandes centros agrícolas. Com a exceção das províncias do Mato Grosso e do Rio Grande do Sul, o território brasileiro foi poupado da invasão, saque e pilhagem. Entretanto, a população brasileira não foi poupada das agruras e privações causadas pelos esforços de guerra. O alistamento não interrompeu apenas as vidas dos guardas nacionais e dos recrutas. Ele também afetou famílias, a vida social no interior das comunidades e a sociedade em geral.

#### BUROCRACIA, PARTIDOS E CAPACIDADES INSTITUCIONAIS

Um problema comum aos governos da União e do Império foi a ausência de uma burocracia nacional de grande porte que pudesse amparar o aumento do recrutamento, solucionando os problemas estruturais dele decorrentes. No Brasil, a capacidade estatal não ia muito além dos limites das atribuições dos presidentes de províncias e de seus subordinados imediatos. Esses funcionários eram indicados pelo Ministro do Império e deviam obediência ao imperador. Tinham mandatos relativamente curtos e pouca autonomia para atuar além das capitais das províncias. Suas atividades dependiam da qualidade dos contatos com autoridades locais, especialmente com os comandantes da Guarda Nacional, cujo poder de recrutar era quase tão grande quanto o poder de eximir aqueles cuja proteção fosse do seu interesse. Os presidentes eram delegados do poder central e, nessa condição precisavam negociar com as autoridades locais as melhores possibilidades de atender às demandas imperiais, sem necessariamente alterar uma balança de poder que em muito dependia da capacidade de cooperação dos poderes central e locais. Essa habilidade infraestrutural era essencial ao progresso de um presidente provincial em direção a uma carreira política nacional de destaque. Foi dentro dessas limitações que os presidentes tiveram que negociar o recrutamento com os comandantes da Guarda Nacional, com os Juizes de Paz e com os delegados de polícia.<sup>4</sup>

4 Izecksohn e Mügge 2016, pp. 183-297.

Nos Estados Unidos o pequeno aparato estatal cristalizou-se naquilo que Stephen Skowronek definiu como “um estado de partidos e cortes.” Além dessas instituições, poucas outras agências, como o serviço postal e o pequeno exército nacional possuíam uma abrangência territorial ampliada.<sup>5</sup> Essas agências poderiam cooperar com o governo central, mas não respondiam necessariamente a uma cadeia de autoridade burocrática no sentido moderno do termo. Elas eram profundamente relacionadas a interesses locais, configurando um mosaico cuja articulação a políticas de mais longo alcance muitas vezes era difícil e desgastante. Elas também se moviam segundo uma lógica eleitoral que tornava a continuidade no cargo muitas vezes precária e imprevisível. Com a chegada do partido Republicano ao poder os vínculos de clientela, alicerçados no sistema de espólios, foram fortalecidos. O poder presidencial dependia de uma cadeia de contatos muito fortemente vinculada a demandas regionais. Isso acontecia em condições normais, porém a chegada ao poder de um partido novato, em meio a uma crise separatista sem precedentes levaria o governo central a mobilizar um grande exército. Essa operação arriscada afetaria as bases de apoio nos estados.

O déficit burocrático de ambos os países era severo e não poderia ser resolvido no curto prazo. Essa circunstância reforçou a dependência das autoridades nacionais a intermediários, como líderes partidários, chefes locais, lideranças religiosas, donos de terras e escravos e redes de parentesco. Portanto, no curso de ambos os conflitos os governos da União e do Império do Brasil defrontaram-se com os enormes desafios relacionados às tarefas de recrutar, alojar, transportar e alimentar gigantescos contingentes, uma vez que as guerras Civil e da Tríplice Aliança envolveram populações de quase todas as partes dos territórios como combatentes, mesmo daquelas áreas distantes milhares de quilômetros dos campos de batalha. Demonstrei, através da análise comparativa, que apesar das enormes diferenças culturais e políticas que existiam entre os dois países, os dilemas que cada governo teve que enfrentar foram muito parecidos. E esses impasses encontraram situações semelhantes em ambos os cenários.

#### GUERRA E ESTADO NACIONAL

Mobilizar forças para guerra sempre constituiu questão delicada na medida em que essa transferência implicava no fortalecimento, ainda que temporário, do poder central através da subordinação dos soldados e oficiais a autoridades nacionais constituídas. A mobilização maciça de populações para a guerra também provocava a perda temporária de liberdade pessoal, em circunstâncias que diferiam em muito do serviço nas milícias ou nos bando privados. Tratava-se, em geral, de novas relações de autoridade e subordinação, constituídas a partir de regulamentos disciplinares muito mais detalhados que as normas e práticas que vigiam nas organizações militares de caráter local. Tratava-se, principalmente, de subordinar soldados a chefes desconhecidos através de códigos e práticas muito distantes dos padrões do relacionamento pessoal. Ain-

5 Skowronek 1992, pp. 1-37.

da que vínculos pessoais fossem importantes para os membros das forças militares, as diferenças de proporção eram sensíveis. Essas ações encontraram organizações sociais distintas em cada um dos países analisados.

A centralização política normalmente leva a uma suspensão temporária das prerrogativas locais, através do recrutamento de soldados e do confisco de recursos materiais. A política nos Estados Unidos era baseada em crenças que enfatizavam o localismo através dos direitos dos estados e das instituições regionais, muito poucas das quais, como os partidos e os tribunais, tinham expressão nacional. A política brasileira era nominalmente mais centralizada, com presidentes de província indicados pelo gabinete no poder. O governo Imperial, porém, se envolvia com suas províncias principalmente através de negociações e compromissos. O rescaldo da guerra produziu dilemas semelhantes para o Rio de Janeiro e para Washington. As limitações estruturais para o recrutamento e abastecimento das tropas afetaram a distribuição de poder, interferindo com lealdades locais. Cada estado nacional tentou contornar essas limitações utilizando estratégias complexas, cujo fracasso representa um elemento importante deste artigo.

#### EXPANSÃO E CRISE DOS EXÉRCITOS DA UNIÃO, 1861-1863

Em 1861, o Norte dos Estados Unidos era uma sociedade heterogênea e multiétnica envolvida num processo contínuo de desenvolvimento econômico e expansão territorial. A maioria dos Yankees apoiava uma doutrina de localismo que era básica para sua cultura cívica. Robert H. Wiebe descreveu a organização social pré-guerra como a de “ilhas de comunidades”, uma vez que a criação de um mercado nacional ainda não havia destruído as estruturas paroquiais prevalentes na maioria dos estados.<sup>6</sup>

Quando os defensores da causa Confederada abriram fogo contra o Fort Sumter em 12 de abril de 1861, tal ato impulsionou o sentimento legalista no Norte dando à União uma causa unificadora, algo que havia se perdido durante o inverno de 1861 à medida que as propostas de uma saída negociada da crise eram discutidas. Ao atacarem, os Confederados se tornaram os agressores, traidores tanto da bandeira americana quanto da causa da nação. Sentimentos patrióticos unificaram o Norte e penetraram profundamente na maioria das suas cidades e condados. Durante os dois primeiros anos do conflito, a maioria dos soldados que se alistou no Norte o fez porque “escolheu agir dessa forma”.<sup>7</sup> Alfred Bellard, um aprendiz de carpinteiro de New Jersey, escreveu em seu diário: “Quando Fort Sumter foi alvejado pelos Rebeldes... meu espírito militar entrou em ebulição, junto com o resto dos demais estados do Norte”.<sup>8</sup>

As convocações iniciais produziram enormes manifestações de massa e cerimônias de despedida nas quais as bandeiras dos regimentos foram apresentadas, os soldados

6 Wiebe 1995, pp. 44-75.

7 McPherson 1997, p. 16.

8 Donald 1975, p. 3.

foram abençoados e discursos foram proferidos. Mesmo para uma sociedade acostumada ao voluntariado, as primeiras exibições de entusiasmo surpreenderam muitos observadores. Um jornal de Wisconsin relatou: “O Norte está motivado para a tarefa. Do Maine a Minnesota, em cada vila e aldeia ressoa o som das armas; e centenas de milhares estão se alistando para a luta. Cada Estado e cada região [do Sul] deve aprender a grande lição de que não é algo trivial espezinhar a Constituição e as leis e que todas as tentativas de romper com a União encontrarão uma resposta terrível”.<sup>9</sup>

Durante essas primeiras semanas, a convocação de soldados encontrou poucos problemas. Sentindo-se indignados pelas maquinções da “conspiração sulista”, milhares de voluntários se alistaram espontaneamente em milícias organizadas sob os auspícios dos estados. Esses voluntários possuíam muito pouca experiência militar porque, na maior parte, as atividades das milícias em tempos de paz eram muito limitadas, raramente chegando ao ponto de um verdadeiro treinamento militar.<sup>10</sup> No momento da primeira convocação, o sentimento geral era que a guerra seria curta e que os rebeldes logo seriam reincorporados à União. James McPherson descreveu essa maneira de pensar como “*rage militaire*” —uma expressão comumente associada à experiência francesa em combate. Desconhecendo os riscos e consequências do conflito sangrento que iriam enfrentar, muitos voluntários pensavam na guerra como uma aventura, uma oportunidade para ver um mundo muito diferente daquele ao qual estavam acostumados.<sup>11</sup>

Comícios em apoio da União se espalharam pelo país. A febre de guerra se estendeu a todas as idades e classes, cruzando as divisões partidárias. Um jornal de Indiana refletiu o espírito apartidário em abril de 1861: “Agora, olhando para o Norte, encontramos homens quase unânimes a favor do governo. As divisões partidárias estão ocultas”. No mesmo mês, um jornal de Springfield, Massachusetts, declarou que as divisões no Norte não eram mais partidárias, destacando: “Não conhecemos outros nomes além de patriotas e traidores...Outrora sofremos para nos tornarmos maus pelo espírito partidário e para nos corrompermos através dele. Agora, nos movemos por um impulso comum, nós nos reunimos pela defesa do nosso país e as algemas dos partidos desaparecem. Agradecemos a Deus por isso”.<sup>12</sup>

A convocação de tropas por Lincoln também foi prontamente respondida até mesmo em áreas nas quais predominavam as forças do Partido Democrata. Este era o caso nos distritos mineiros de carvão da Pensilvânia. O estudo de Grace Palladino sobre a resistência ao recrutamento mostrou como a convocação inicial foi inicialmente bem aceita nessa região. Esses distritos apresentavam uma população imigrante significativa, com o predomínio de católicos irlandeses. Em junho de 1861, um jornal

9 *Madison Wisconsin Daily State Journal*, 19 de abril de 1861. Citado em Perkins 1942, p. 810.

10 Ver Whisker 1999, pp. 95-190.

11 McPherson, *op. cit.*, p. 16.

12 *Springfield Daily Republican (Mass.)*, 20 de abril de 1861, citado em Perkins, *op. cit.*, p. 1064.

Republicano conhecido por sua antipatia pelos imigrantes católicos observou com aprovação, que ingleses, franceses, alemães, escoceses, irlandeses e galeses “abriram mão de todas as diferenças e [estão competindo] uns com os outros em suas expressões de lealdade ao país que escolheram”.<sup>13</sup> A suspensão da competição partidária foi um processo espontâneo em certas regiões. Em outras derivou de um procedimento cuidadoso de manipulação política. Para Robert Sterling, durante os primeiros meses da guerra os líderes democratas do estado de Illinois usaram sua influência para remover a condução da guerra da esfera político-partidária.<sup>14</sup>

Nesse momento, a mobilização de tropas estava totalmente nas mãos dos governadores dos estados. Essa condição refletia a privatização da responsabilidade cívica, isto é, um compromisso entre uma frágil organização federal e comunidades locais empoderadas. Porém, a cooperação política entre o governo federal e os estados foi facilitada pelo fato de que em 1861 todos os governadores do Norte eram republicanos, e como tal representavam tanto as organizações estaduais quanto a coalizão nacional responsável por levar Lincoln a Washington.<sup>15</sup> Segundo Dora L. Costa e Matthew E. Kahn, o soldado padrão era um voluntário residente em uma cidade com simpatias republicanas que apoiou Lincoln durante a eleição de 1860.<sup>16</sup> A homogeneidade social e o protestantismo favoreceram esse tipo de compromisso cívico, embora os primeiros meses de mobilização sejam ricos em exemplos de pronunciamentos tanto de católicos como de imigrantes favoráveis à causa da União. O compromisso pessoal e as estruturas partidárias locais eram as melhores fontes para um recrutamento bem executado. Tal como declarado durante uma convenção Republicana nacional em 1862, “a organização Republicana, em todos os seus princípios, em todas as suas práticas, e por todos os seus membros, está comprometida com a preservação da União e com a derrota da Rebelião. É o poder do Estado e o Poder da Nação”.<sup>17</sup>

Embora os governadores controlassem o recrutamento, eles dependiam da boa vontade de chefes políticos locais ou homens de destaque que desejavam se tornar oficiais nas companhias militares a serem formadas. No nível regional, o recrutamento estava conectado à popularidade dos notáveis locais, cujo prestígio era fundamental para o sucesso daqueles regimentos que eram mobilizados e equipados. Paul Ledman mostrou a força do prestígio pessoal em Cape Elizabeth, Maine. Nessa comunidade litorânea relativamente abastada, os cidadãos de destaque colocaram anúncios nos jornais locais, apelando às suas conexões e gastando seu próprio dinheiro nas “despesas de mobilização”. Como recompensa por seus serviços, tais notáveis frequentemente alcançaram a patente de coronel nos novos regimentos. Ledman demonstrou que sem

13 Palladino 1990, p. 85.

14 Sterling 1974, pp. 32-35.

15 Hesseltine 1972, pp. 115-80; Bogue 1981, pp. 125-50; e 1989, pp. 29-59.

16 Costa and Kahn 2008, p. 52.

17 Atas da convenção republicana do condado de Oneida, Nova York. Publicadas pelo *Utica Morning Herald* de 26 de setembro de 1862.

o comprometimento desses indivíduos, o recrutamento inicial teria sido uma tarefa bem mais difícil.<sup>18</sup>

#### A CRISE DO SISTEMA DE RECRUTAMENTO NA UNIÃO

Até o primeiro semestre de 1863, o Exército dependia do entusiasmo popular e da boa vontade local para repor os soldados nas fileiras e manter o recrutamento com força total. Porém, à medida que as comunidades enfrentavam sacrifícios crescentes, sua disposição para cooperar com as autoridades federais diminuía em todas as partes do Norte. A partir do outono de 1862 os líderes da União enfrentaram um dilema: mudar sua estratégia, travando uma guerra de atrito contra as oligarquias sulistas, ou abrir mão do esforço de guerra. Sua decisão de prosseguir tornou a guerra ainda mais violenta, exigindo um grau mais intenso de colaboração das populações civis no Norte.<sup>19</sup>

Dentre os muitos problemas estruturais que assolavam o exército no início de 1863 se encontrava a necessidade urgente de recompor os regimentos veteranos. Desde o início da guerra, diferentes grupos de indivíduos haviam se alistado para diferentes tempos de serviço, variando de três meses a três anos. Sob o sistema de voluntariado, o recrutamento levou à criação constante de novos regimentos, enquanto que os regimentos veteranos encolheram como resultado de óbitos, baixas, licenças e deserções. A multiplicação de convocações de voluntários e concessões às necessidades locais transformou a ausência de condições uniformes de alistamento em um problema importante. Se lhes fosse permitido escolher, os voluntários prefeririam se alistar em novos regimentos que mantinham os laços entre amigos e companheiros e que pagavam gratificações maiores. O tempo de serviço dos soldados que se alistaram no início da campanha deveria expirar em maio de 1863. Com a maior parte dos tempos de serviço de dois anos expirando na mesma época, a crise de recursos humanos se agravou. De acordo com Peter Levine a insistência dos republicanos sobre a inexistência de um conflito entre as classes sociais contribuiu para um desdém em perceber as dificuldades financeiras enfrentadas pelas famílias de muitos soldados, obscurecendo um conflito social que se tornava mais latente à medida que a economia do Norte se modernizava mais rapidamente em consequência da guerra.<sup>20</sup>

As vitórias dos Democratas nas eleições estaduais e legislativas de 1862 marcaram o retorno do espírito partidário e a possibilidade real de mudança nas próximas eleições presidenciais marcadas para 1864. Os Democratas do Norte foram severamente abalados pela crise produzida pela secessão (uma crise no Partido Democrata, afinal de contas), mas mantiveram organizações regulares em todo o Norte e sustentaram o apoio popular em muitas áreas. Com suas vitórias eleitorais em novembro de 1862, o partido

18 Ledman 1999, p. 38.

19 Lonn (1966) estimou a partir de informações registradas por comandantes de regimento que 113.697 homens desertaram entre o início da guerra e abril de 1863, pp. 153-54.

20 Levine 1981, p. 830.



recuperou parte de sua força anterior à guerra, conquistando 35 assentos republicanos e executivos estaduais, incluindo os de Nova York e Nova Jersey.<sup>21</sup> A facção Pacifista, ou Copperhead, do Partido Democrata, acreditava que o aumento do poder do governo Republicano cada vez mais centralizado durante o período de guerra, trouxe momentos difíceis e tirania política para o Norte. Eles enfatizavam os crescentes sacrifícios impostos aos homens brancos e pobres e pediam um fim negociado da guerra como a melhor maneira de restaurar a normalidade.<sup>22</sup>

Na prática, o controle dos governos estaduais significava o controle do recrutamento, de modo que os governadores Democratas poderiam apresentar grandes obstáculos aos esforços de guerra Republicanos. Além disso, os Democratas poderiam se tornar minorias barulhentas nos estados dominados pelos Republicanos, como ocorreu em Ohio, Connecticut e na Pensilvânia.<sup>23</sup> O compromisso do Partido Democrata com a guerra ainda estava conectado à visão local e individualista dos Estados Unidos do pré-guerra, representando “as grandes culturas pré-modernas no interior da sociedade norte-americana”.<sup>24</sup>

Para responder a ameaça latente de paralisia no início de 1863 os legisladores Republicanos introduziram uma lei que possibilitaria um controle mais efetivo do governo federal sobre o processo de recrutamento. O senador Henry Wilson, chefe do Comitê de Assuntos Militares, apresentou o Projeto de Lei 511 no Senado, uma medida de alistamento que tinha como objetivo fornecer ao governo federal os poderes suplementares de que ele precisava para arregimentar tropas. O projeto de lei foi objeto de intenso debate, com os Republicanos e Democratas Unionistas apoiando e os Democratas Pacifistas se opondo à medida. O discurso do senador Wilson no Senado revelou uma nova radicalização da atitude republicana bem como um rompimento com a tradição voluntarista das práticas militares estadunidenses: “As necessidades da nação exigem que não sejamos dependentes do voluntariado, nem da convocação de milícias, mas que preenchamos os regimentos agora no campo de batalha, desgastados e devastados pelas fome e mortes, através do alistamento e recrutamento da população do país utilizando a autoridade constitucional para mobilizar e dar suporte aos exércitos”.<sup>25</sup> O Enrollment Act, como essa lei ficou conhecida fortaleceu a autoridade presidencial, possibilitando a Lincoln criar regimentos sem a assistência dos governadores. Num passo ainda mais ousado, a medida centralizou e militarizou o recrutamento, absorvendo as milícias estaduais no interior das forças federais, tornando o serviço militar obrigatório e nacional.

À medida que o ano de 1863 avançava e os esforços de guerra cresciam, o custo dos substitutos aumentava. A execução do recrutamento durante o verão e o outono de

21 Silbey 1977, pp. 30-61.

22 Curry 1967, p. 208.

23 Para uma discussão dos eventos que culminaram nas eleições do outono de 1862, ver Hesseltine, op. cit., pp. 249-72.

24 Curry, op. cit., 208.

25 *Congressional Globe*, 37th Cong., 3rd sess., p. 976.

1863 coincidiu com o desenvolvimento de clubes de montepios e esforços por parte dos donos de fábricas e dos chefes das máquinas políticas para ajudar aqueles incapazes de pagar as isenções. Os custos de comutação foram fixados em trezentos dólares, cerca de dois terços do salário anual de um trabalhador. O senador Democrata James W. Nesmith do Oregon, um membro do Comitê de Assuntos Militares ressaltou que permitir aos recrutados “comutar seu patriotismo” levaria à morte da nação. Ele sugeriu ironicamente um epitáfio adequado: “Morto por comutação”.<sup>26</sup>

As comunidades do Norte reagiram de diferentes maneiras às crescentes demandas por recursos humanos. Algumas comunidades levantaram fundos para substituições ou comutações. Em Cape Elizabeth, Maine, a quota da cidade foi crescentemente preenchida por forasteiros. A proporção de soldados alistados nascidos na cidade caiu de 51,7 por cento durante o primeiro ano de guerra para apenas 6 por cento após o recrutamento compulsório ter sido instituído. Tal influxo de forasteiros pode ser explicado pelas gratificações elevadas que eram pagas por essa próspera comunidade. Embora a cidade tenha aprovado uma premiação pelo recrutamento, ele foi financiado basicamente por cidadãos em busca de seus próprios substitutos.<sup>27</sup>

Essa estratégia, no entanto, não estava disponível para todas as comunidades; ela dependia da capacidade de cada cidade para levantar fundos suficientes. As evidências apontam para uma situação em que as comunidades mais ricas se beneficiaram das desvantagens das menos afluentes. Como resultado, havia um ressentimento crescente entre os grupos mais pobres. Dessa forma, muitas comunidades menos influentes encaravam a comutação como um instrumento que reforçava a hegemonia política do Partido Republicano e o poder econômico dos donos de indústrias e comerciantes, penalizando Democratas, imigrantes e os mais pobres. Acusações de incompetência, desonestidade, imoralidade política e partidarismo foram feitas contra muitos funcionários que trabalhavam na nova máquina do recrutamento. Uma paródia de uma canção popular zombava da crescente interferência do governo federal nas vidas privadas dos cidadãos: “Estamos chegando, velho Abraham, com a força de várias centenas [;] Não tínhamos 300 dólares e então viemos. Não tínhamos pais ricos para colocar o dinheiro na cumbuca. Então nós fomos ao delegado e lá nos reunimos”.<sup>28</sup>

No verão de 1863, o ato foi respondido por uma onda de resistência. Revoltas emergiram nas principais cidades do Leste e do meio-oeste. Um dos mais violentos episódios de resistência contra a federalização do recrutamento ocorreu na cidade de Nova York em julho de 1863. Durante cinco dias, multidões armadas interromperam a execução da primeira conscrição federal, desafiando a autoridade federal na mais importante cidade dos Estados Unidos. As manifestações tiveram sua origem no ambiente político e social de Nova York, mas foram exacerbadas pelas circunstâncias da guerra, especial-

26 *Congressional Globe*, 38th Cong., 1st sess., p. 227.

27 Ledman, *op. cit.*, pp. 71-103, 121.

28 Lee 1943, p. 90. Ver também, McPherson 1988, p. 602.

mente pelas queixas resultantes da ameaça de um recrutamento iminente, cujo fardo iria pesar principalmente sobre os habitantes mais pobres da cidade. Para alguns, os protestos assinalaram uma luta pelo poder político entre os imigrantes Democratas e os Republicanos reformistas. Porém, para muitos observadores, as manifestações foram um desafio às novas regras que emergiram com a guerra. Para as autoridades Republicanas da cidade de Nova York, o recrutamento trouxe medo e perplexidade.<sup>29</sup>

Segundo Iver Bernstein, os protestos contra o recrutamento resultaram de um processo de alteração urbana em curso, com ramificações nos níveis regional e nacional. Uma questão importante era a disputa sobre o controle do mercado de trabalho. Um editorial do *New York Tribune* escrito logo após os protestos de 1863 fornece uma indicação do quanto alguns homens brancos se sentiam ameaçados pelo trabalho dos negros: “A turba exulta acreditando que, se ela havia falhado em outros objetivos, ela pelo menos garantiu a posse do trabalho da cidade, levando os negros a procurarem trabalho em outro local”.<sup>30</sup>

Alguns Republicanos viam os protestos como uma manobra política orquestrada pelos Democratas Pacifistas de Nova York. O secretário particular de Lincoln, John Hay, um crítico do governador democrata Horace Seymour, viu no episódio uma chance de subjugar a insubordinação da cidade. Em 14 de agosto de 1863, Hay, que era favorável a uma intervenção militar naquela área observou no seu diário: “O Governo nunca foi destinado pela constituição a ficar desamparado frente aos ataques dos funcionários estaduais insatisfeitos. Eu agradecerei a Deus pelos protestos se como um dos seus resultados nós estabelecermos um grande precedente de autoridade da supremacia absoluta do poder Nacional, militar e civil, sobre o dos estados. Cada prego que entra no caixão da fraude caduca dos Direitos dos Estados é uma promessa de futuro e de paz e poder duradouros”.<sup>31</sup>

Como consequência dos cinco dias de protesto, o governo federal adiou a execução do recrutamento em Nova York, evitando assim declarar um estado de emergência. A administração federal evitou uma interferência mais grave nas questões locais de Nova York, reconhecendo a hegemonia Democrata na maior cidade do país em troca de sua lealdade tácita. As quotas de Nova York foram preenchidas através do aumento do recrutamento em outros estados em um processo que traria novos episódios de tensão política e social nos meses a seguir.

#### EXPANSÃO E CRISE DO EXÉRCITO IMPERIAL, 1865-1867

O recrutamento brasileiro durante o século XIX funcionou como um mecanismo de controle social, escolhendo indivíduos considerados socialmente perigosos que eram

29 Hattaway e Jones 1991, p. 440.

30 Citado em Foner e Lewis 1969, p. 298.

31 John Hay, 14 de agosto de 1863, em Hay 1939, p. 80.

apartados das suas comunidades segundo regras informais estabelecidas pelas lideranças locais. Essa função proto-penal funcionou sem alterações até o início da Guerra contra o Paraguai.<sup>32</sup> No entanto, após a chegada das notícias sobre a invasão da província de Mato Grosso houve resposta imediata da população e essa resposta diferiu substancialmente do padrão mais corriqueiro. Manifestações de protesto contra o governo do Paraguai multiplicaram-se pelas diferentes províncias. Como ocorrera na União, quatro anos antes, reuniões em apoio à causa do Brasil foram organizadas por comitês patrióticos, estabelecidos em cidades e vilas em quase todas as províncias, mesmo naquelas distantes milhares de quilômetros do front. Elas foram acompanhadas por declarações cívicas de distintos setores sociais. Na província da Paraíba o corpo policial se ofereceu para marchar. Simultaneamente, o juiz de órfãos ofereceu-se como voluntário, condicionando sua adesão à preservação dos seus salários:

Palpita-me o coração de brasileiro que me ufana de ser e diz-me a consciência, que também tenho direito a um canto no teatro da guerra; apesar do indiferentismo, de que se acham tocados os meios jurisdicionais. Só preciso (por ser pobre) que o governo de sua majestade o Imperador, a cuja disposição ponho até a vida, me garanta a não interrupção de meu quatriênio e que minha família, alias bem crescida, fique recebendo meus ordenados e também por minha morte se assim tiver de suceder.<sup>33</sup>

Como o recrutamento foi satisfatório durante esses meses iniciais, o presidente da província da Bahia reclamou que “o único limite [para o alistamento] se devia à demanda do governo imperial, incluída em sua notificação de 21 de outubro de 1865, interrompendo a organização de novos regimentos e declarando que apenas mais um deveria partir para o front. Caso contrário, o movimento não teria qualquer outro limite exceto o sentimento que o inspirava”.<sup>34</sup> Diante da onda de alistamentos, da enxurrada de doações e das vitórias iniciais contra o Paraguai, o gabinete que governava o Brasil ficou otimista. A incipiente organização militar do Império parecia satisfatória para dar um fim rápido à guerra. As elites imperiais acreditavam que através de uma sequência convincente de derrotas, os paraguaios logo abririam negociações para a capitulação. Assim, seria possível afirmar a supremacia militar do Brasil na região sem operar modificações substanciais no aparato militar. José Tavares Bastos, o presidente do Rio de Janeiro, a província mais rica do Brasil na ocasião, expressou tal otimismo quando escreveu, “profundamente inspirado, o Gabinete confiando no entusiasmo nacional e através da criação do Corpo de Voluntários os viu chegar de cada canto do Império para tomar parte nessa Guerra Santa. Tornou-se uma verdade reconhecida que o Brasil não precisa de um grande exército permanente para manter sua integridade e seus direitos”.<sup>35</sup>

32 Beattie (1999), 847–73; Costa (1995), 121–55.

33 Manoel Januário Bezerra Montenegro para Sinval Odorico de Moura. Campina Grande, 7 de abril de 1985. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, SPE, IG1 56, documento no. 18.

34 Comendador Manuel de Souza Dantas para José Tomás Nabuco de Araújo. Salvador, 1º. De Março de 1866, Relatório do Presidente da Bahia (1866), p. 21.

35 José Tavares Bastos para Bernardo e Souza Franco. Niterói, 10 de maio de 1865. Relatório do Presiden-

Durante essa primeira fase das operações, o entusiasmo dos voluntários surpreendeu as autoridades acostumadas com a indiferença da população a respeito dos assuntos militares. Parte da motivação vinha das características da campanha. Afinal, a invasão do território brasileiro, sem uma declaração de guerra, gerou revolta e alimentou demonstrações patrióticas em muitas regiões do Império. Esse insulto inflamou os sentimentos patrióticos e encorajou demonstrações espontâneas, impulsionando o alistamento por todo o Brasil. O apoio popular e um sentimento de entusiasmo geral marcaram as campanhas iniciais, embora o apadrinhamento através de sistemas de clientela já desempenhasse um papel importante no modo como as pessoas se voluntariavam. Os relatórios do Exército de 1865 e 1866 oferecem uma clara imagem desse espírito patriótico e os relatórios dos presidentes de província fornecessem evidências adicionais do entusiasmo generalizado pela guerra.

Para aproveitar os bons ventos o governo imperial criou os corpos de Voluntários da Pátria. Através dessa medida foi instituído um espaço diferenciado no exército, através do qual os voluntários receberiam incentivos seletivos tais como: pensões, preferências na escolha para cargos públicos após a guerra, e uma vaga promessa de concessão de terras em colônias agrícolas. Os Voluntários da Pátria funcionavam, sobretudo, como um ponto diferencial de recrutamento, já que esses batalhões não se misturavam com os grupos normalmente recolhidos pelo recrutamento compulsório: migrantes, vadios, criminosos não homicidas, enfim indivíduos que por sua condição subalterna não eram alvo de algum tipo de proteção. O objetivo do programa era não só o rápido recrutamento, mas também o alistamento de homens de posições sociais mais elevadas bem como evitar as dificuldades que poderiam resultar de recrutamentos compulsórios. Alguns Voluntários conseguiram até influir na escolha do seu comandante. Um grupo de voluntários mobilizado na província do Ceará solicitou que o General Sampaio fosse indicado como seu comandante, uma vez que “sendo do Ceará, [ele] mitigaria os sacrifícios que nós estamos dispostos a realizar tão distantes de nossa terra natal”.<sup>36</sup>

O governo também ordenou a transferência de cerca de 15 mil soldados da Guarda Nacional para o front. A designação de guardas de províncias não fronteiriças para o serviço no exterior sob o comando de oficiais profissionais enquanto durasse a guerra, afetou a posição da instituição como um refúgio para aqueles que fugiam do recrutamento. Exceção feita às tropas levantadas na província do Rio Grande do Sul, o pertencimento à Guarda era visto como uma espécie de guarda-chuvas contra as regras muitas vezes draconianas que interferiam no recrutamento. O depoimento de um oficial da Guarda proveniente da província do Espírito Santo demonstra como era difícil transferir soldados daquela organização para o exército, alegando que: “...infelizmente, além da índole do povo e falta de educação não lhes permitir reconhecer a necessidade que a Pátria tem de seus serviços ... [circulam] boatos de que o Governo não cumpria

---

te do Rio de Janeiro (1865), p. 5.

36 Francisco Marcondes Homem de Mello a Ângelo Muniz da Silva. Porto Alegre/RS, 18 de março de 1865. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, SPE, IG140, doc.no. 59.

o que havia permitido aos voluntários, que eram eles maltratados no sul, tanto assim que quase todos aqueles que escapavam de bexigas e sarampos morriam de fome”.<sup>37</sup>

#### DA EVASÃO À REBELIÃO

No caso do Brasil durante a Guerra da Tríplice Aliança, a coesão social desapareceu à medida que a longa campanha e a retirada de mão de obra se tornaram menos compatíveis com os interesses dos fazendeiros e de outros chefes locais cuja prosperidade estava ligada à disponibilidade da força de trabalho. Enquanto desempregados, migrantes e mendigos eram facilmente recrutados compulsoriamente, os fazendeiros protegiam os trabalhadores dos campos na medida do possível. A transferência de trabalhadores livres e escravos para as linhas de frente era vista com suspeita, às vezes com indignação. Isso revela a importância das relações entre protetores e clientes na história social do Brasil. Os líderes locais liberaram alguns trabalhadores para servir como voluntários, mas seu desejo de colaborar era limitado por suas necessidades de mão de obra e por seus compromissos com clientes e parentes. Tais necessidades entrariam eventualmente em conflito com as demandas de guerra na medida em que novas levadas fossem exigidas.<sup>38</sup>

Como no caso do Norte durante a Guerra Civil dos Estados Unidos após 1862, a familiaridade com a realidade da guerra moderou os mais ardentes agitadores e vozes a favor do armistício puderam ser ouvidas. Porém, os movimentos antiguerra não eram tão organizados no Brasil como haviam sido nos EUA, nem havia fortes motivações ideológicas para a paz. Os brasileiros estavam cansados da guerra. As iniciativas pela paz soaram mais como críticas ao Gabinete Liberal-Progressista do que como uma agenda ideológica, muito embora elas tenham vindo de setores conservadores, que eventualmente voltariam ao poder com a mudança do sentimento público e dariam continuidade aos esforços de guerra.

As diferenças hierárquicas entre os Voluntários, os Guardas Nacionais designados e os soldados ou recrutas compulsoriamente recrutados revelam interações entre a crise externa e a crise interna que foram geradas pela guerra. No topo da hierarquia, os Voluntários entraram no exército por vontade própria. Considerados mais altruístas do que qualquer outro grupo, eles deveriam ser recompensados por seus sacrifícios tanto simbolicamente quanto materialmente. Poderosos chefes locais forneceram aos soldados designados da Guarda Nacional apoio político e algum nível de poder de negociação. No patamar mais baixo da sociedade livre estavam aqueles recrutados compulsoriamente ou recrutas que normalmente pertenciam aos grupos socialmente

37 Capitão Joaquim Luiz de Azevedo Quintaes para José Joaquim do Carmo. Vitória/ES, 24 de julho de 1865. In “Relatório da Província do Espírito Santo, 1865”. Anexos, documento no. 13.

38 Segundo Kraay (1998), a prática do recrutamento “era um sistema do Estado para o qual a classe dirigente de proprietários de terras e escravos e um grande segmento de pobres livres contribuíam e do qual cada participante desfrutava de benefícios consideráveis”, pp. 2-3.

desprotegidos. Essas diferenças no status civil eram transferidas aos militares, determinando a posição de uma pessoa nas fileiras. À medida que a guerra contra o Paraguai progredia, no entanto, as diferenças hierárquicas eram cada vez mais apagadas uma vez que a socialização nas unidades equalizava o status dos soldados. O medo das consequências do efeito de nivelamento do serviço militar tornou a resistência comum entre todos os setores da população na retaguarda. Assim, as respostas internas às mudanças da sorte na guerra estavam relacionadas não apenas às deficiências históricas no alistamento dos recrutas, que se acentuaram durante o período do conflito pela falta de mão de obra. Elas também estavam pautadas pelas alterações sem precedentes nos padrões de seleção daqueles que deveriam servir, atingindo homens casados, arrimos de família e trabalhadores livres e pobres normalmente isentos do serviço. À medida que o alistamento se tornou mais amplo, passou a ser acompanhado por protestos cada vez mais intensos, que eram apoiados por influentes lideranças locais. Uma carta confidencial do Ministério da Guerra chamou a atenção para o fato de que: “oficiais e soldados retornando do exército, trazem... males para as províncias, disseminando terríveis notícias, de tal modo que assim que o recrutamento tem início, a maioria dos potenciais soldados se esconde no sertão e se organizam para resistir à prisão”.<sup>39</sup>

A falta de confiança pública no governo era ruim o suficiente, mas as condições que os recrutas experimentavam enquanto marchavam pelo interior eram assustadoras. Por pior que fosse a falta de confiança na condução da guerra, ela não era tão chocante quanto o destino daqueles recrutas que finalmente seguiam para a capital do Império. O embaixador dos Estados Unidos. O general Thomas W. Webb forneceu algumas das mais contundentes imagens sobre a execução do recrutamento. Ao descrever o embarque dos “voluntários” na cidade de Petrópolis:

Eu vi pelo menos cinquenta grupos desses soldados voluntários, ou passando por Petrópolis ou chegando a bordo de trens na ferrovia e eles são invariavelmente “trazidos” da seguinte maneira: os grupos com 30 a 70 ou 80 pessoas. Cada “Voluntário” apresentava um colar de ferro em volta do seu pescoço; que em oposição ao cadeado, apresentava um anel de ferro, com duas polegadas e meia de diâmetro. Através desse anel passava uma pesada corrente, conhecida por nós como “Corrente do tronco”, que se estende do início ao final da coluna, não havendo, é claro, qualquer possibilidade de fuga. Nessa condição o soldado Voluntário segue a bordo do transporte e navega para o Rio. Anteriormente em West-Point, o cadete que era “encontrado” e trazido de volta, era chamado de “um voluntário forçado”. Assim, o Brasil tem um precedente para chamar esses homens de “Voluntários”.<sup>40</sup>

Dom Viçoso, o bispo de Mariana, na região mineradora próxima à capital de Minas Gerais, estava muito preocupado com a falta de recrutas e manifestou seu desapontamento oficial em sua proclamação de novembro de 1866. Por solicitação do presidente da província, Saldanha Marinho, o bispo proclamou o apoio oficial da Igreja à guerra.

39 Ignácio Marcondes Homem de Mello para Angelo Moniz da Silva Ferraz Francisco. Fortaleza/CE, 28 de agosto de 1866. Documento no. 34. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, SPE, IG40 (CE).

40 Embaixador James Watson Webb ao Secretário de Estado William H. Seward. Petrópolis/RJ, 21 de agosto de 1868. National Archives (Washington, D.C.), NARA, Microfilme 121, rolo 35.

O bispo também expressou a decepção do governo com o baixo nível de cooperação da população: “Quando a pátria demanda a ajuda dos seus irmãos [e] quando pede sua ajuda para obter a vitória [vocês] correm para as matas ou fingem doenças para serem dispensados! Tantos atos covardes não parecem adequados a tantas pessoas sérias... Se sempre devemos estar prontos para comparecer diante do tribunal do Senhor, por que não no meio das balas, baionetas e torpedos?”<sup>41</sup>

Ainda assim, o medo da morte era mais forte do que os apelos religiosos. Um ano mais tarde, o novo presidente da província reclamou que mesmo os padres estavam fazendo campanha no interior contra o alistamento: Nesse exato momento estou processando um vigário de Diamantina. . . porque [ele] prega (do púlpito!) que [as pessoas devam] resistir, fugir, mas não ir para a guerra porque ela é como uma praga criada por um governo corrupto para destruir todos os Conservadores e amantes da paz.<sup>42</sup>

Os guardas que eram designados para ir para o front buscavam as redes de relacionamentos sociais tradicionais a fim de evitar o recrutamento. Dispensas legais, substituições ou a influência política comumente ajudaram os indivíduos a escapar do serviço militar. Essas dispensas tinham sua origem nos vínculos pessoais que ligavam os comandantes da Guarda Nacional aos seus homens e eles ofereciam uma proteção muito maior do que a resistência individual era capaz de proporcionar. Quando esses métodos fracassavam, guardas designados ainda eram capazes de “comprar substitutos”. Estas estratégias haviam sido utilizadas em conflitos anteriores com relativo sucesso e era natural que homens aterrorizados buscassem seus chefes a fim de receber licenças.<sup>43</sup>

A transferência de membros da Guarda Nacional para o front gerou vários conflitos. Desde o início da guerra, os relatos das províncias haviam descrito conflitos entre os agentes recrutadores e os guardas designados. Durante a guerra, a vontade política do governo imperial se concentrou fortemente na transferência desses guardas. A pressão sobre os guardas aumentou à medida que as autoridades imperiais insistiam que a vitória militar era mais importante do que o respeito pelas hierarquias locais baseadas nos costumes, tradições e influência pessoal. A extensão das negociações privadas entre os líderes locais e os oficiais se estreitou fortemente devido à escassez permanente de soldados para levar a cabo uma longa campanha. Os presidentes das províncias foram instados a pressionar os comandantes da Guarda Nacional para enviar o maior número possível de recrutas para as respectivas capitais provinciais. Alguns dos representantes políticos, como o vice-presidente do Maranhão, tentaram justificar os

---

41 Museu Histórico Nacional, GP. 412, “Uma Proclamação de Dom Viçoso aos seus Diocesanos”. Mariana (MG), 6 de novembro de 1866. Mais tarde Saldanha Marinho se tornou um dos líderes mais destacados no movimento republicano. O efeito de suas experiências como presidente da província na mudança de suas visões políticas é uma questão difícil de ser avaliada.

42 Vicente Pires da Mota ao Marquês de Paranaguá. Ouro Preto/MG, 24 de maio de 1867. Arquivo Histórico do Museu Imperial, I-DPP-22.1.867—met.c.

43 A substituição era uma prática internacional em sociedades em que o recrutamento militar universal não havia sido instituído. Ver Sales de Bohigas 1968, pp. 261–89.



parcos resultados obtidos, culpando os soldados comuns enquanto isentava os comandantes de responsabilidade. No seu relatório da província de agosto de 1865, o presidente declarou que “embora não exista dúvida sobre a boa vontade do comandante da Guarda Nacional”, guardas a caminho do front lançavam mão de todos os meios disponíveis para evitar a marcha. “Quando tudo falhava eles fugiam para as florestas e era necessário escolta-los até a capital como recrutas”. Esse presidente denominou apropriadamente a organização de novos destacamentos como “uma tarefa insana”.<sup>44</sup>

Outros presidentes foram menos tolerantes com a parcialidade apresentada pelos comandantes da Guarda Nacional ao designar homens para o Exército. Quando confrontados pela escolha entre a lealdade ao Império ou às relações pessoais, os comandantes da Guarda não hesitaram em proteger seus clientes. Em uma carta ao Ministro da Guerra, o presidente de São Paulo confessou que, apesar dos seus esforços de recrutamento, “Eu não conto com a cooperação dos comandantes da Guarda Nacional [porque] eles começaram a me enviar reclamações que constantemente me lembram dos perigos trazidos pela designação dos soldados da Guarda Nacional”.<sup>45</sup> Também em Minas Gerais, o presidente culpou os comandantes da Guarda pela falta de recrutas: “As designações, geralmente irregulares, não eram nem mesmo realizadas em alguns comandos superiores”.<sup>46</sup>

A partir da segunda metade de 1865, a deserção se tornou um fenômeno nacional. Membros da oposição e grupos sociais marginalizados encaravam o recrutamento apenas como outra fonte de arbitrariedade exercida contra eles. Como consequência, as disputas a respeito de quem seria designado para o Exército minaram a solidariedade da Guarda Nacional. Elas também revelaram a incapacidade da Guarda para proteger com eficiência a pátria no caso de um conflito importante. O presidente do Rio Grande do Norte observou com tristeza que “A Guarda Nacional é um embaraço legal para a polícia, uma máquina eleitoral e uma fábrica de cadetes”.<sup>47</sup> O Relatório do Ministério da Justiça de 1867 claramente reconheceu tais deficiências, enfatizando que a experiência atual da guerra “confirmava a necessidade de reformar a Guarda Nacional. Essa milícia criada para defender a ordem e a liberdade pública está muito distante do seu objetivo final”.<sup>48</sup>

## CONCLUINDO

Ao longo deste artigo procurei demonstrar que tanto o Brasil como os Estados Unidos se encontraram em situações sem precedente, porém semelhantes, em resposta às

44 Tenente Coronel José Caetano Vaz Júnior ao Conselheiro José Antônio Saraiva. São Luis/MA, 14 de agosto de 1865. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, SPE, IG125—Cx.530—fl. 76.

45 Joaquim Floriano de Toledo ao Conselheiro Ângelo Muniz da Silva Ferraz. São Paulo, 25 de maio de 1866. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, SPE, IGI 159.Cx. 587, fl. 741.

46 Relatório do Presidente de Minas Gerais, 1867. Ouro Preto/MG, 3 de julho de 1867, p. 21.

47 Olyntho Jose Meira a José Antonio Saraiva. Natal/RN, 28 de agosto de 1865. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, SPE, IG147, (RN).

48 Relatório do Ministério da Justiça, 1868, p. 11.

guerras dos anos de 1860. A necessidade crítica de soldados e materiais forçou cada estado nação à centralização para o fortalecimento do recrutamento militar. O triunfo ambíguo da centralização sobre as persistentes formas de localismo afetou ambas as sociedades apesar das diferenças demográficas e da disparidade na intensidade da participação política popular em cada cenário.

O deslocamento para uma estrutura de governo mais centralizada foi dificultado em ambos os países pela falta de experiência burocrática aliada à precária organização militar. Os esforços para consolidar a autoridade política e extrair recursos e indivíduos levaram a conflitos internos, a críticas populares e a rebeliões, que ilustraram a capacidade limitada dos governos centrais de adquirir o apoio material necessário. A autonomia dos agentes do recrutamento nacional se mostrou especialmente problemática ao provocar o ressentimento entre as autoridades locais e seus eleitores. As tentativas de expandir o recrutamento comprometeram a coesão social e a unidade nacional em ambos os casos. Enquanto a União possuía ferramentas políticas mais sofisticadas para confrontar a resistência popular, os recursos inadequados do Império limitavam a capacidade da monarquia de fazer exigências aos seus súditos.

Em comparação, a organização política norte-americana ofereceu mais alternativas ao governo federal. A virtude do sistema partidário do Norte se baseava em fortes ligações entre as organizações locais e nacionais e na vitalidade do Partido Republicano. O partido se tornou um instrumento fundamental para a maximização do esforço de guerra. A combinação da estrutura política do Partido Republicano com o progresso material possibilitaram a combinação entre o apoio à guerra e a modernização econômica, acelerando e concentrando as decisões econômicas de maneiras não inteiramente compreendidas pelos contemporâneos.<sup>49</sup> No Brasil, por outro lado, a iniciativa militar era um aparato do estado central sem qualquer agenda ideológica. Aqueles que estavam no poder recrutariam seus adversários e vice-versa. Nenhuma lógica moral ou política essencial unificava os esforços estaduais e nacionais para além do incipiente patriotismo demonstrado nos meses iniciais da guerra. Esse cenário nos ajuda a compreender por que os apelos patrióticos levavam a conflitos políticos, o que por sua vez comprometia os reforços de recrutamento. Além disso, nenhuma facção política era capaz de carregar o fardo das medidas mais impopulares da guerra que acabaram recaindo no Imperador.

As semelhanças entre os anos de 1863 nos Estados Unidos e 1867 no Brasil justificam uma comparação cuidadosa. Nesses anos, os funcionários de cada um dos governos centrais enfrentaram crises inesperadas resultantes da expansão das ações do Estado. Ambos os governos optaram por defender a vitória militar total apesar dos severos obstáculos e dos custos humanos elevados que esta opção exigia. A resistência incansável do inimigo forçou os governos da União e do Império a irem além dos objetivos

---

49 Bensel (1990), pp. 292-95. Bensel compara a construção do Estado Republicano às ações dos bolcheviques na Rússia revolucionária, particularmente no que se relaciona a uma fusão entre o partido e o Estado.

originais de vitória e simultaneamente prepararam o caminho para compromissos internos adicionais.

Os recrutamentos forçados foram temas centrais dos debates sobre a mobilização. Multidões armadas no interior do Brasil, bem como multidões antialistamento nos Estados Unidos, eram encaradas como ameaças perigosas ao progresso e à estabilidade social. Entretanto, as ameaças representadas pela resistência local eram mais simbólicas do que reais, refletindo atitudes desesperadas diante das mudanças e raramente representaram um risco real à ordem social. Ainda assim, elas ameaçaram a capacidade de cada estado de conduzir a guerra e, desse modo afetaram a elaboração de políticas públicas nas décadas seguintes. Os conflitos sociais que emergiram em cada caso nos ajudam a entender os limites da ação do Estado durante períodos de emergência nacional, especialmente quando demandas centrípetas nacionalistas confrontaram os interesses locais.

#### BIBLIOGRAFIA

- BARATTA, M. V., 2019. *La Guerra del Paraguay y la Construcción de la Identidad Nacional*. Asunción: SB.
- BEATTIE, P. M., 1999. Conscriptio versus Penal Servitude: Army Reform's Influence on the Brazilian State's Management of Social Control, 1870–1930. *Journal of Social History*, vol. 32, no. 4, pp. 847-73.
- BOGUE, A. G., 1981. *The Earnest Men: Republicans of the Civil War Senate*. Ithaca: Cornell University Press.
- BOGUE, A. G., 1989. *The Congressman's Civil War*. New York: Cambridge University Press.
- CAPDEVILA, L., 2010. *Una guerra total: Paraguay, 1864-1870*. Buenos Aires: Sb.
- COSTA, D. L. e M. E. KAHN, 2008. *Heroes and Cowards: The Social Face of War*. Princeton: Princeton University Press.
- CURRY, L. P., 1968. *Blueprint for Modern America: Non-Military Legislation of the First Civil War Congress*. Nashville: Vanderbilt University Press.
- DONALD, D. H. (ed.), 1975. *Gone for a Soldier: The Civil War Memoirs of Private Alfred Bellard; from the Alec Thomas Archives*. Boston/MA: Little, Brown.
- DORATIOTO, F., 2002. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Cia. Das Letras.
- FONER, P. & R. LEWIS (eds.), 1969. *The Black Worker: From Colonial Times to 1869; A Documentary History*. Philadelphia: Temple University Press.
- GARAVAGLIA, J. C. & R. O. FRADKIN (eds.), 2016. *A 150 Años de la Guerra de la Triple Alianza contra el Paraguay*. Buenos Aires: Prometeo.
- HATTAWAY, H. & A. JONES, 1991. *How the North Won: A Military History of the Civil War*. Urbana: University of Illinois Press.
- HAY, J., 1939. *Lincoln and the Civil War in the Diaries and Letters of John Hay: Selected and with an Introduction by Tyler Dennet*. New York: Dodd, Mead & Company.
- HESSLTINE, W. B., 1972. *Lincoln and the War Governors*. Gloucester, Mass.: Peter Smith.
- IZECKSOHN, V. & M. H. MÜGGE, 2016. A Criação do Terceiro Corpo do Exército na província do Rio Grande do Sul: conflitos políticos resultantes da administração militar nos anos críticos da Guerra do Paraguai (1866-1867). *Revista Brasileira de História*, vol. 36, n. 53, pp. 183-297.
- IZECKSOHN, V., 2014. *Slavery and War in the Americas: Race, Citizenship, and State Building in the United States and Brazil, 1861-1860*. Charlottesville/VA: University of Virginia Press.
- HARP, M., 2016. *This Vast Southern Empire: Slaveholders at the Helm of the American Foreign Policy*. Cambridge, Mass.: Cambridge University Press.

- KRAAY, H., 1998. Reconsidering Recruitment in Imperial Brazil. *The Americas*, vol. 55, no. 1, pp. 1-33.
- LEDMAN, P. L., 1999. *A Town Responds: Cape Elizabeth, Maine, in the Civil War*. M.A. Thesis, University of New Hampshire.
- LEE, B. L., 1943. *F.S.C. Discontent in New York City, 1861-1865*. Washington D.C.: Catholic University of America Press.
- LEVINE, P., 1981. Draft Evasion in the North during the Civil War, 1863–1865. *Journal of American History*, vol. 67, pp. 816-34.
- LONN, E., 1966. *Desertion in the Civil War*. Gloucester, Mass.: Peter Smith.
- MCPHERSON, J. M., 1988. *Battle Cry of Freedom: The Civil War Era*. New York: Ballantine Books.
- MCPHERSON, J. M., 1997. *For Cause and Comrades: Why Men Fought in the Civil War*. New York: Oxford University Press.
- PALLADINO, G., 1990. *Another Civil War: Labor, Capital, and the State in the Anthracite Regions of Pennsylvania, 1840-1868*. Urbana: University of Illinois Press.
- PERKINS, H. C. (ed.), 1942. *Northern Editorials on Secession*. New York: D. Appleton Century Company.
- SILBEY, J. H., 1977. *A Respectable Minority: The Democratic Party in the Civil War Era, 1860-1868*. New York: W. W. Norton.
- SALES DE BOHIGAS, N., 1968. Some Opinions on Exemption from Military Service in Nineteenth-Century Europe. *Comparative Studies in Society and History*, vol. 10, no. 3, pp. 261-89.
- SKOWRONEK, S., 1982. *Building a New American State: The Expansion of National Administrative Capacities, 1877-1920*. New York: Cambridge University Press.
- STERLING, R. E., 1974. *Civil War Draft Resistance in the Middle West*. Ph. D. Dissertation, Northern Illinois University. thesis, University of New Hampshire.
- Whisker, J. B., 1999. *The Rise and Decline of the American Militia System*. Harrisburg/PA: Susquehanna University Press.
- Wiebe, R. H., 1995. *The Search for Order, 1877-1920*. New York: Hill and Wang.